

# AUDIO VIDEO MAGAZINE

ANO 16  
OUTUBRO 2011

172

EDITORA  
**CAMI**  
clubedoaudio.com.br

R\$15 €8



ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA

## UM SOM MAJESTOSO

CAIXA HANSEN AUDIO THE EMPEROR



**AMPLIFICADOR INTEGRADO ATILLA  
E CD PLAYER SCORPIO**  
UM SISTEMA DIFERENCIADO DA GRYPHON



**NETWORK AUDIO PLAYER MARANTZ NA7004**  
MÚSICA EM QUALQUER MOMENTO

**E MAIS**

**TESTES DE ÁUDIO**  
CAIXAS ACÚSTICAS ELAC FS 249

**OPINIÃO**  
A VEZ DO BOM E BARATO

**CDS DO MÊS**  
DISCOS DE ALTA QUALIDADE ARTÍSTICA



TESTE  
**3**  
AUDIO



# CAIXAS ACÚSTICAS ELAC FS 249

XX Christian Pruks  
cpruks@gmail.com

Tenho notado que para muitos audiófilos falta uma visão global adequada sobre reprodução musical para avaliarem os vários sistemas (e cada um dos seus componentes) com os quais têm contato - sejam seus, de colegas ou de demonstração em lojas.

O resultado vai desde uma obsessão por graves, ou por agudos, ou por timbre 'valvulado', por um nível de detalhes beirando o analítico (que não existe na música ao vivo), ou o sempre adorado 'palco acima de tudo'. Porém, essas obsessões muitas vezes ignoram o todo, o equilíbrio. Talvez por isso muitos aparelhos e sistemas não consigam atingir uma semelhança com a reprodução ao vivo dos instrumentos acústicos. Não existe sistema perfeito e, invariavelmente, o aficionado que se apaixonou pelas belas texturas dos médios ignora o grave sem recorte - entre outras combinações de virtudes e defeitos.

O fato é que um mínimo de metodologia se faz necessário para enxergar o todo. Considero que dentre valvulados antigos estão os amplificadores mais musicais disponíveis - devido ao seu timbre nos médios e médios graves. Porém, após uma análise fria, noto a falta

de extensão nos agudos e recorte pobre nos graves que, por conhecer o som do instrumento ao vivo, sei que existem. Sinto essa falta quando procuro a melhor audição - que, para mim, é a que tem melhor semelhança com a realidade.

Poucos meses atrás tive o prazer de ouvir e escrever sobre as bookshelves 243 da ELAC. No caminho aberto pela marca alemã, as FS 249 são de uma classe superior à das 243 - não só no alcance que tem uma caixa torre, mas também pelo uso de três vias, que trazem uma coerência muito maior à área média e ao corpo harmônico.

As ELAC 249 são torres de três vias, com uma sensibilidade bastante fácil de tocar e uma resposta de frequência com graves excelentes descendo até 28 Hz e agudos que nada escondem até 50 kHz: especificações que não devem nada a ninguém, que não limitam a experiência sonora com nenhum sistema e quase nenhuma sala.

Os tweeters são os mesmos tipo AMT (Air Motion Transformer) sanfonados, comuns a toda linha 240 do fabricante. Os falantes de cone também usam a mesma tecnologia de sanduíche de papel e ►

alumínio multifacetado das 243, porém, nas 249, são dois woofers com câmaras separadas e um midrange com este mesmo tipo de cone.

O amaciamento das 249 foi um pouco mais longo do que o das 243 - e eu estimo que seja necessário mais de 300 horas para finalizá-lo totalmente. Calma, não se assustem. A última coisa que amacia em uma caixa de três vias é o midrange, porque este não se movimenta como um woofer. É por isso que seu amaciamento mecânico é muito mais longo, fazendo com que o amaciamento elétrico desse falante também demore mais. Após amaciada, as 249 são extremamente musicais e suaves em todo o espectro - muito mais do que se esperaria, por exemplo, de um tweeter que responde até 50.000 Hz!

Por ser uma torre de boas proporções, as 249 não economizam graves. Então, para um certo tipo de sala onde esse grave tende ao excesso ou começa a embolar, a ELAC provê um tampão de espuma emborrachada com o qual se pode tampar um dos dutos. Por experiência própria, o uso desse tampão não mudou em nada o caráter solto e natural dos graves das 249.

As caixas vêm com dois tipos de pés parafusáveis: de borracha ou spike de metal. Recomendo que, para se obter o melhor e mais correto grave, deve-se usar sempre os spikes de metal. É recomendável também começar tentando o uso sem o tampão de borracha no duto traseiro. Caso o grave realmente exceda o limite da sala e perca recorte, pode-se tampar o duto traseiro sem detrimento da qualidade dos graves.

Depois de um bocado de empurra-empurra, eu acabei achando que o melhor posicionamento para as 249 foi o mesmo usado em dezenas de outras caixas, igual ao que eu havia regulado para as Dynaudio Special 25 e para as Contour 3.4. Ou seja, o tweeter diferenciado não inspira questionamentos sobre dispersão.

As 249 foram inteiramente testadas em meu sistema de referência composto do amplificador integrado darTZeel, CD player Accuphase DP-78, CD player Playback Designs e com vários toca-discos de vinil diferentes, alternando entre o pré de phono Sunrise Lab, The PhonoStage, e o pré de phono interno do integrado darTZeel. Todos os cabos usados foram Sunrise Lab, exceto pelo Purist Design Anniversary de força, usado no darTZeel.

### COMO TOCA

Enquanto estão amaciando, como dito acima, as 249 tendem aos médios com ligeira torção de timbre - o que demora a sumir e é a última coisa que se resolve. Somente após o correto e longo amaciamento é que as 249 revelam seus belos e musicais médios. Os graves descem muito bem, com excelente recorte e controle, ambos muito superiores a outras caixas de igual valor. Os agudos são o ponto forte de todas as ELAC, com seu tweeter sanfonado que sobe a níveis absurdos de resposta de frequência (50 kHz), traduzindo-se em arejamento cristalino e timbres de agudos que me encantaram completamente. Esses tweeters fazem a maioria dos domos soarem contidos, lentos e falsos. Os timbres agudos de pratos, metais e outros elementos percussivos são luxuriantes. Os timbres dos médios

agudos, entretanto, têm uma leve tendência a serem mais agradáveis do que realmente corretos.

O som sai totalmente para fora das caixas, com excelente dispersão de médios e agudos. O palco beira a obcenidade e não tem mais 'camadas', ou seja, tudo é naturalmente separado e bem para trás das caixas. A profundidade, se eu disse na análise das bookshelves 243 da mesma marca que 'dava para andar dentro', nas 249 então dá para fazê-la de bicicleta e com os braços abertos. A separação entre os elementos do palco está entre as melhores que já ouvi. O foco é um subproduto que aparece naturalmente, com as qualidades acima, em um par das 249 bem posicionado.

Transientes e velocidade em todo o espectro são o 'nome do meio' da ELAC: nenhuma marca de caixas que eu tenha ouvido é tão rápida. Essa velocidade é um vício aplicado na veia que se torna tão natural (porque os sons no mundo real não têm problemas de transientes) que você só sente falta quando ouve outras caixas.



As ELAC 249 são caixas com características que ultrapassam seu preço. Porém, um dos quesitos é apenas 'adequado' ao seu status: as texturas. Creio que se as texturas fossem superlativas como são os transientes e os agudos, teríamos nas 249 um legítimo 'matador de gigantes'.

Dinâmica, tanto macro quanto micro, jogam no mesmo time dos transientes. Dentro de qualquer audição considerada normal para qualquer tipo de música fui incapaz de fazer a caixa abrir o bico ou mesmo endurecer. Ao mesmo tempo, também as passagens complexas se mostraram com facilidade típica de caixas mais caras.

A capacidade de mostrar o corpo harmônico uniforme em todo o espectro, que parece ser uma preocupação dos projetistas da ELAC, costuma ser algo típico de empresas que desenvolvem seus próprios alto-falantes, resultando em caixas acústicas com divisores de frequência mais simples e sonoramente adequados. ▶

